



---

## ENTREVISTA

### **Sociologia, coletividades e desenvolvimento de base territorial: entrevista com Pierre Teisserenc.**

### **Sociology, collectivities and territorial-based development: interview with Pierre Teisserenc.**

#### **Rafael Dantas Dias**

Professor de Sociologia da  
Secretaria de Educação do  
Estado do Amapá (SEED/AP).  
Doutorando em Geografia  
(PPGEO/UFPA)  
E-mail:  
[rafaeldantasd@gmail.com](mailto:rafaeldantasd@gmail.com)

#### **Síntese biográfica**

Doutor em Sociologia pela Universidade Paris Descartes V.  
Professor Emérito da Universidade Paris XIII. Fundador do  
CERAL (Centre de Recherches sur l'Action Locale), na mesma  
Universidade. Suas pesquisas focam as recomposições  
territoriais no contexto de países industrializados marcados  
por um estado de crise permanente no sistema produtivo  
industrial e, especialmente na Amazônia Brasileira, tem  
acompanhado os processos de implementação e gestão dos  
territórios protegidos com base em exigências socioambientais.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Professor, primeiramente gostaríamos de agradecer sua participação, seja bem-vindo à nossa Revista. Professor, conte-nos um pouco de sua trajetória e formação acadêmica, o porquê do seu despertar para temas e ciência tão importantes, como sociologia, território e desenvolvimento.**

**Pierre Teisserenc** – Sim, muito obrigado pelo convite, muito obrigado pela oportunidade de participar da Revista; não aconhecia. Mas, como diz o provérbio francês, “a ocasião faz o ladrão”. Uma boa expressão para demonstrar como vejo positivamente essa oportunidade. Espero que esse encontro dê bons frutos.

Comecei a minha vida como professor ensinando matemática na África. Uma possibilidade que o governo francês me propôs, em substituição ao serviço militar obrigatório nas Forças Armadas. Na África, no Chade mais exatamente tive uma experiência de dois anos muito forte ao perceber que meus alunos mais competentes

durante as aulas, na avaliação escrita não se saíam bem. Não compreendia o que se passava, por que havia essa diferença de resposta entre as aulas e as provas?

Como não tinha competência em antropologia nem em sociologia, fui morar em um bairro popular a fim de me aproximar do contexto de vida dos meus alunos. Passei a convidá-los, assim como suas famílias, para conversar, discutir, participar da vida deles. Desejava descobrir o motivo pelo qual o melhor aluno em sala não conseguia dar respostas adequadas quando submetido a uma avaliação escrita. Descobri que eles consideravam a matemática como tendo um poder mágico, por isso a superioridade dos brancos sobre os negros e a dominação deles. Daí pensei: não posso continuar no ensino de matemática se efetivamente existe essa diferença de compreensão. Então tomei a decisão de fazer estudos no campo da sociologia. Após o mestrado, no doutorado voltei ao Chade para encontrar os meus antigos alunos e fazer pesquisa com eles sobre a questão que me havia levado para a sociologia. Assim iniciei minha carreira na sociologia; nessa experiência extraordinária; descoberta de um mundo bem diferente do que conheci quando lá estive como professor de matemática. Muitas questões se apresentaram nesse segundo momento, como a mobilização dos jovens, da juventude, no debate político relacionado à emergência de seus países, que naquela altura começavam a se instituir como nações independentes na África.

De volta à França, terminados meu doutorado e a experiência como professor de matemática, me vi, no contexto dos anos 80, diante de outro desafio contemporâneo. Em curso estava o processo de desindustrialização das regiões tradicionalmente bem industrializadas, impondo-se então a necessidade de pensar o futuro dessas regiões em uma nova perspectiva. Nesse contexto nasceu a ideia e o conceito de desenvolvimento local e/ou territorial. Mesmo bem específica da desindustrialização, a perspectiva vai poder ser aplicada, veremos depois, a outros contextos, considerando particularidades de um território, de sua história, de seu povoamento, de seus recursos e, por outro lado, a questão do seu futuro posta pelos grupos que o habitam. O que queremos fazer juntos? O que queremos viver juntos? E, em cada contexto, um dos elementos muito importantes para mim, no caso da França, é a centralização do poder do Estado. As políticas públicas do país, tradicionalmente, são decididas no âmbito do poder central para se aplicar em territórios específicos.

Tem-se aí uma visão do território como um espaço da aplicação das políticas públicas.

Mas, nos anos de 1980, marcado também pela importância da globalização, o Estado vai fazer o quê? O Estado continuou a fazer como de hábito, a prática do desenvolvimento dos territórios - se não tem empresa, se uma empresa fecha, então vamos iniciar, facilitar a implementação de uma nova empresa, continuar a reproduzir o sistema territorial -, mas nesse caso não funcionou, porque não teve empresa para criar, não teve empreendedor em condições para criar, porque as empresas saíram do país para se instalarem na África, na China, noutros continentes, o que caracteriza a globalização. Se as empresas aparecem, são novas empresas que vão se instalar, o que pode fazer o Estado nesse caso? Se não tem empregadores para se instalar, uma nova problemática advém, a de requalificar os agentes, requalificar os agentes em função dos critérios, das referências, da visão de qualificação existente à época. Mas, qualificar quem, o quê? Qualificar os *managers*, qualificar os quadros, os operários e para fazer o quê? Reproduzir o sistema anterior? Não funcionava. Investir muito dinheiro para constatar que não solucionava. E a solução que emergiu pouco a pouco nesse contexto foi a de facilitar a criação de atividades novas pelos atores locais em função de fatores que mais tarde mostraram-se importantes. Fatores como: descobrir, identificar, particularmente os recursos do território. Nesse momento vai começar a mudar o olhar dos dirigentes sobre a questão do território. Passa-se a considerar o território não só como espaço da aplicação das políticas públicas, mas como objeto do desenvolvimento mesmo, que faz parte da vida das populações que o ocupam e que querem fazer desse território um território de bem viver para elas, para suas famílias, para seus vizinhos, para todos os habitantes e para as pessoas que vêm de fora para nele se instalarem, ocuparem esse território. Essa é uma outra perspectiva da apreensão, da concepção do território. Dessa maneira que entra a Universidade Paris XIII. Uma universidade nova, situada na periferia de Paris. Na época havia treze universidades em Paris. Como sociólogo, fui o primeiro a entrar nessa universidade. Foi necessário para mim então começar a me dedicar a uma questão que emergia na academia, o desenvolvimento do território e, ao mesmo tempo, organizar a sociologia com uma disciplina no interior da Universidade Paris

XIII e, pouco a pouco criar um laboratório - dentro dele um mestrado e um doutorado - para fazer pesquisa, recrutar e convidar colegas, para constituir uma equipe de sociólogos.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Em nível de Brasil, a Revista gostaria de saber com o senhor compreende a discussão do desenvolvimento territorial a partir das ações públicas locais. Qual a sua compreensão desse tema? Entre desenvolvimento territorial e ações ou atores locais?**

**Pierre Teisserenc** – Eu posso falar um pouquinho de meu encontro com o Brasil?

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Sim, claro**

**Pierre Teisserenc** – Vindo do centro da África, trabalhei na Europa e fiz muitas pesquisas no contexto da Europa, mas, ao mesmo tempo, participava, a partir do laboratório criado na Universidade Paris XIII, da atuação no doutorado, dos colóquios, congressos. Essa situação favoreceu oportunidades de desenvolver formas da cooperação. E privilegiei o Brasil porque sempre, do lado dos colegas que conheci à época - comecei 15 anos atrás – houve um grande desejo em desenvolver a cooperação, desejo também pela temática ligada a essa cooperação. Para mim, de acordo com minha ética de professor, sinto-me confortável em uma relação igual entre os colegas brasileiros e os colegas franceses. Este não foi o caso na África. Na África é permanente a dominação. Os brancos dominam e foi difícil sair desse esquema, dessa representação. Com os Estados Unidos deu-se o inverso. Eles que pretendem dominar. Não gosto disso, me desculpe. E com o Brasil houve a facilidade de entrar na relação sem, vamos dizer, esses preconceitos. Não temos uma história comum, não temos preconceito entre nós. Para mim muito essencial foi, do ponto de vista do meu investimento pessoal na cooperação com o Brasil, pensar que nossas experiências diretas podem se enriquecer se temos uma capacidade de trabalhar juntos e de aceitar, e não de fazer comparações, o que para mim é estúpido. Comparar é estúpido porque a França e o Brasil são dois mundos muito diferentes.

Existe uma globalização, mas não é porque existe a globalização que as situações territoriais são iguais. Não, não há igualdade. Por outro lado, me disse que essa cooperação cria uma oportunidade para aprofundar nossos conhecimentos particulares, mesmo se há uma pretensão da pesquisa em produzir um conhecimento universal. Universalização do conhecimento é muito importante, não estou aqui para criticar, é uma modalidade de estimulação muito forte, que também considero efetivamente. Agora para responder mais diretamente a questão de como compreender a questão entre o desenvolvimento territorial. Quando cheguei aqui, tive que aprender tudo que foi necessário para compreender as particularidades de cada contexto e tive uma dificuldade considerável pois a Amazônia não é um território homogêneo (risos).

### **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – É muito diverso...**

**Pierre Teisserenc** – É muito diverso. Então, fui um aluno, durante 10 anos, “fui um aluno”. E comecei aprendendo o português. Eu não falava nada de português, é difícil. Uma das minhas grandes descobertas foi como esse país que, bom, conhece uma história caótica, mais a ditadura dos anos 60 a 80, a saída da ditadura, esses anos de efervescência, uma nova Constituição, a abertura, descobre o mundo, certo, o mundo global de um lado e, ao mesmo tempo, o mundo, vamos dizer, da democracia, da reapropriação da democracia. E a esse contexto vou ligar, também, uma sensibilidade mundial para a ecologia, o meio ambiente, que emerge, e que descobri aqui; na Europa, para mim não era tão evidente. Só no fim dos anos 90, nos anos 2000, que se vai fortalecer isso. Outro elemento desse contexto dos anos 90, é a capacidade do Brasil em pensar e propor alguns instrumentos de políticas públicas para responder ao desafio ambiental, integrando notavelmente às características desse território, desses territórios, melhor colocar no plural, a questão da diversidade. E dentro desses territórios, penso particularmente na Amazônia. Em um primeiro momento, na questão dos direitos das populações tradicionais e das populações indígenas, em um mundo global, vamos dizer assim. Bem significativo dessa presença do mundo global é que, a partir de um evento muito duro, o assassinato de Chico Mendes, o movimento social foi capaz de se levantar, a partir

de uma experiência, para mim de uma qualidade excepcional, iniciada pelo Chico Mendes, aliando-se, a grandes universidades, particularmente de São Paulo, e de inventar a Reserva Extrativista. Como instrumento inicialmente não foi pensado como instrumento da política pública, mas a inovação contou com a inteligência do governo à época, ao acolhê-la enquanto experiência única no mundo inteiro, tornando-a instrumento de uma política pública original e brasileira. Com isso foi permitido tentar, experimentar, enfrentar um desafio ambiental e social, o que nenhuma pessoa sabe de antemão como fazer. É preciso dizer, finalmente, que é um bom instrumento, se as condições são favoráveis para a sua aplicação, vamos apoiar e vamos considerar a oferta desse instrumento aos territórios que o desejem. Isso traz elementos, muitos outros. Três para mim são muito importantes para traduzir bem a pertinência e a originalidade desse instrumento. O primeiro elemento é a aliança original entre os movimentos sociais e a universidade. Isso é algo excepcional. Uma aliança para produzir uma oferta consistente, não é?

### **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Sim**

**Pierre Teisserenc** – Segundo elemento é a utilização do desafio ambiental para responder a uma questão de justiça social para com uma categoria da população, sem reconhecimento naquele período.

### **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - É o que o Henrique Leff fala, não?**

Pierre Teisserenc – A população tradicional, não importa como chamemos. O que importa é o reconhecimento das populações sob a denominação, é como a questão ambiental vai permitir tratar uma questão de justiça social, é isso que é fundamental. É mostrar que o desafio ambiental não é só uma questão da natureza, da relação forte entre homem e natureza, onde tem uma justiça ideal dos homens. Isso, é claro, cria um desafio ambiental particular específico, um elemento dentro desse processo, a dinâmica de reconhecimento dos saberes nativos, que justifica o reconhecimento da competência dessas populações chamadas tradicionais, que não é uma competência acadêmica, mas que é uma competência bem específica, ligada à

experiência das pessoas na relação com a natureza, à sua capacidade de criar condições melhores para satisfazer as exigências ambientais. É um desafio, não defendo uma aplicação de maneira normativa. Mas, por que não? O desafio é, efetivamente trabalhar nessa direção.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Professor, há praticamente 10 anos o senhor organizou uma obra junto com o professor Gilberto de Miranda Rocha e a professora Sônia Barbosa Magalhães, o nome da obra: Território de Desenvolvimento e Ações Públicas, que, em linhas gerais, trabalha essa interface do território com as políticas públicas e também como é que, dentro dessa trama, ocorrem as questões ambientais. A revista gostaria de saber do senhor o que é território da ação pública.**

**Pierre Teisserenc** – Sim, a uma questão interessante e pertinente. Este não foi o primeiro livro de nossa cooperação, mas é um dos livros significativos da eficiência de nossa cooperação. Foram 5 anos impressionantes. Começamos rapidamente a trabalhar juntos e a publicar juntos. Mas para responder diretamente a sua questão, que me parece, como disse, uma questão pertinente. No fundo, para mim, a questão é a seguinte: para o sociólogo, o que significa o território, e por que a sociologia subitamente se interessa em território? É uma outra maneira de responder a sua questão, porque, como Gilberto é geógrafo, um grande amigo, trabalhamos juntos e continuamos a trabalhar juntos, lidamos com a confrontação de perspectivas respectivas a nossas disciplinas particulares. E, para mim foi também uma questão, porque fui um dos primeiros sociólogos na França a trabalhar sobre o território. E antes não havia essas referências na Sociologia, senão na Antropologia, mas na Sociologia mesmo. Não. Isso faz parte da divisão do trabalho entre Geografia, Sociologia... Adotar a perspectiva do território é precisamente porque as políticas públicas não têm competência suficiente, pertinência suficiente para satisfazer as exigências do desenvolvimento de um país inteiro. E, não vamos recomençar a explicação anterior, para não justificar a grande dificuldade do Estado de acompanhar, o redesenvolvimento do país, de reposicionar o país no contexto da globalização para facilitar as novas formas de desenvolvimento. Quando você

modifica essa concepção da gestão pública o Estado que não tem competência o suficiente, vai transferir competências dentro de um processo da descentralização - transferência das competências do nível central para o nível local - para trabalhar de outra maneira, não para fazer a mesma coisa, para trabalhar de outra maneira. Mas, para trabalhar de outra maneira necessita considerar quais são as características dessa nova maneira de trabalhar. E a grande característica dessa maneira nova de trabalhar é a ação, ação territorial, ação local, ação pública. O resultado, vem como resultado da mobilização dos atores locais, territoriais, juntos à mobilização dos recursos no território. Essa combinação, essa articulação, conexão entre os recursos da natureza e os recursos físicos, os recursos humanos, as inteligências dos atores e dos saberes nativos das populações, essa combinação é que vai tornar possível novas formas de desenvolvimento, que os atores locais vão, pouco a pouco, imaginar, iniciar. É o desafio da inovação, o desafio da combinação da articulação entre os atores e os recursos, a identificação desses recursos. Nesse caso, a Sociologia tem uma competência para complementar o trabalho da Geografia, identificando os atores, a qualificação desses atores, a relação com os recursos do território, particularmente, os saberes locais, territoriais. No Brasil há um cuidado muito mais forte do que na Europa em relação a esses saberes, conhecimentos, competências. Isso foi uma grande descoberta para mim. Essa maneira de considerar esses saberes nativos, como elementos essenciais do ponto de vista da reconsideração, redistribuição das forças dos homens, da remobilização, mobilizar os homens, a inteligência deles, os saberes deles, os recursos da natureza. Essa é uma experiência que analisei na Europa e que continuo a trabalhar aqui, e que, para mim, são essenciais para compreender melhor e responder à questão do território da ação pública. E por que pública? Porque são ingredientes das iniciativas privadas, ao mesmo tempo, beneficiárias de uma oferta pública.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Ok, professor. Ainda há pouco estávamos falando sobre o tensionamento de determinadas ciências que buscam o seu espaço no horizonte, por exemplo, até pouco tempo o território, era exclusivo ou em grande parte, “pertencia” à ciência da Geografia.**



**Pierre Teisserenc – À Antropologia também**

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Recentemente, a Sociologia e a Ciência Política também buscam compreender o território como um processo dinâmico, em mutação. Então, a partir disso que estamos dialogando, gostaríamos de saber se tem como estabelecer uma relação entre Sociologia da ação local e território da ação local; tem uma interpretação sociológica para isso?**

**Pierre Teisserenc –** O que interessa à Sociologia nesse caso é a ação, se não tem ação o trabalho do sociólogo não é interessante. Isso significa, para mim, que não são todos os territórios, só os territórios que criam as condições para facilitar, iniciar o grande desafio da mobilização dos atores locais, mas não uma mobilização que se limita a denunciar, à resistência. Carlos Walter Porto Gonçalves, nos fala de resistência e re-existência. Existir, bem, faz parte da vida, assim como resistir, mas não é suficiente, se você se limita a resistir, não há desenvolvimento. Onde começa o desenvolvimento? Onde existe capacidade de re-existir. A partir da re-existência. E re-existir de qual maneira? Das iniciativas, das ações e não só da denúncia. Bom, é claro que em regime da ditadura, infelizmente, a resistência se limita quase a denunciar, porque se você começa a iniciar, vão te matar; não é suportável a iniciativa nesse contexto. Mas fora da ditadura, na democracia, uma resistência que não se torna capaz de ação individual e coletiva, não é suficiente; reinventar, re-existir é fundamental, faz parte das dinâmicas novas que interessam à Sociologia. Isso tem relação efetivamente com a globalização, que permite, de certa maneira, essa experiência. Encontrar os impactos normativos de dependência da globalização, de reinventar as modalidades das formas novas do desenvolvimento nos territórios.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Do ponto de vista das Ciências Sociais, quais os desafios da recomposição territorial? Como o senhor compreende esse processo?**

**Pierre Teisserenc** – Bom, podemos responder a partir do raciocínio das etapas da resistência, depois da re-existência, a partir de iniciativas, o desafio da ação coletiva, individual sempre será considerado do ponto de vista dos seus impactos territoriais. Ao mesmo tempo, existem a capacidade de iniciativas individuais, a capacidade de coordenar, de ordenar, de organizar coletivamente essas iniciativas, relacionadas ao projeto do território, das ações territoriais e coletivas. Que é um desafio muito importante, muito importante do ponto de vista da capacidade dos atores locais de se apropriarem de seus destinos, seus futuros, que faz parte, para mim, do grande desafio da natureza humana, controlarmos o futuro. Claro, não somos Deus, mas...

### **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Temos essa vontade...**

**Pierre Teisserenc** – Quero saber o que vou oferecer, o que vou oferecer aos meus filhos, aos meus amigos, vizinhos, no futuro. É impressionante como o comportamento das pessoas muda quando você fala do cotidiano; cotidiano que, geralmente não é todo tempo agradável, mas quanto ao futuro temos uma visão religiosa. Infelizmente quando a religião é mais forte não tem futuro fora de Deus, mas se você elimina ou diminui essa influência da religião o futuro aparece como o espaço da criação dos outros, e de uma criação que não pode se limitar ao ato individual, mas, necessariamente, o ato coletivo. É o espaço da projeção de sua liberdade também. E necessita, para se pensar, de reordenar o território sobre a forma de uma sociedade local, territorial, uma sociedade, e uma sociedade tem valor real, uma das dimensões essenciais da sociedade é sua dimensão política, as dinâmicas que evoquei anteriormente, teci pouco a pouco como as dinâmicas que podem se justificar por exigências da economia, bem-estar das populações. Mas o grande desafio, também, é o desafio político. O objetivo é criar condições de uma nova sociedade política e não só de criar o novo modelo da economia de território. Uma redução pensar essa dinâmica só da perspectiva da economia do território, é uma grande redução. A ambição é facilitar a emergência de uma nova sociedade integrando sua dimensão política.

## **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - O senhor gostaria de considerar o que estava falando?**

**Pierre Teisserenc** – Vou continuar falando sobre o que vinha dizendo sobre o desafio político. Para mim foi uma outra descoberta as formas da dominação, que marcam os territórios, particularmente na Amazônia. É uma dominação herdeira da colonização.

## **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Exato.**

**Pierre Teisserenc** – Uma dominação que se transformou um pouco durante o período da borracha, por exemplo, quando vai se dar sobre a forma do *aviamento*, e que ainda hoje permanece. Eu escrevi um artigo sobre o poder local, demonstrando como o poder local, a dinâmica dele, geralmente, se apoia sob a permanência dessa forma de dominação. Quando existe uma dominação não tem sociedade política, não tem. Nesse caso um dos desafios das ações públicas, das políticas públicas é não só criar as condições de uma economia nova no território, mas de, ao mesmo tempo, libertar os indivíduos, os cidadãos da dominação. A teologia da libertação teve um papel muito forte nesse sentido durante uma época. Infelizmente hoje sua influência diminuiu muito. Mas na época foi um dos fatores essenciais para a organização, a mobilização, para o movimento social, pouco a pouco ser capaz de se afirmar. A Reserva Extrativista entra nessa dimensão política. Ao mesmo tempo que se inventa a Reserva, inventa-se essas instituições, por exemplo, que vão acompanhar o reconhecimento do estatuto das novas pessoas que vão trabalhar nesse contexto, como Ministério do Meio Ambiente e todas as instituições novas que fortalecerão essa iniciativa. Hoje, bem, infelizmente, é outra coisa, é outra coisa, mas existia.

## **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - A ideia natural era essa.**

**Pierre Teisserenc** – Sim... sim. O desafio da afirmação da liberdade, onde existe a permanência do sistema da dominação. É essencial considerar que esse desafio é político.

## **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Perfeito.**

**Pierre Teisserenc** – Quando fiz entrevistas com membros do Conselho Deliberativo de uma Reserva Extrativista ... bom, há reservas aqui que funcionam, mas há reservas que não funcionam, mas parte das reservas funcionam e lá, no caso dessa Reserva funcionou. Eles reconhecem que são atores políticos, fazem trabalhos políticos, aprendem a fazer a política. Decidem as ações locais, concretas, e considera essas ações como um trabalho político; a deliberação é uma atividade política, o reconhecimento desse trabalho como o trabalho da deliberação política é uma maneira de afirmar a autonomia dessas pessoas, como atores políticos e não como atores, não vamos falar de ator, quando se trata de cidadão dependente dos políticos. É uma forma de revolução do ponto de vista da consideração do cidadão, é um dos desafios importantes que justifica a aproximação da Sociologia e da Ciência Política para analisar e ao mesmo tempo reconhecer uma sociedade, que como toda sociedade tem uma dimensão política, histórica, econômica, todos esses ingredientes.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Professor, falando especificamente sobre a Amazônia, há como apontar quais são as vias de integração da mobilização social no campo político em relação à região? Quais são as articulações que acontecem entre: atores locais, o Estado, representantes do Estado através das instituições de pesquisa, a academia... Como que acontece essa trama para o senhor? Na sua concepção, em relação à Amazônia.**

**Pierre Teisserenc** – São muitos elementos que devemos integrar e articular. Integrar não, eu prefiro articular, porque integrar pode parecer como sistema de identificar e aí você vai montando, o quê não é o caso. É necessário repensar muitas coisas. O coração, para mim, a nova questão a considerar é como a questão social encontra a questão ambiental. Porque a sociedade industrial cria as condições da emergência da questão social, como questão central o elemento dos conflitos,

conflitos de classes. Na sociedade atual, herdeira da sociedade industrial, a questão de ambiental é central e interpela a questão social. E não podemos desconsiderar isso, não se pode separar o desafio econômico do desafio ambiental, é claro que não. Os nossos instrumentos, quando digo nossos, da academia, não estão prontos, não são disponíveis ainda para tratar, responder, a esses desafios. Para mim é necessário repensar a ação da pesquisa, as metodologias das pesquisas, a produção dos conhecimentos. E de integrar a natureza, como disse um pensador francês conhecido no mundo inteiro agora, Bruno Latour, há de se considerar o espaço, a natureza, não como objeto, mas como, *agissant*, como ator; o ator que deveria também participar não só como espaço de aplicação da nossa inteligência, mas como capaz de manifestar sua opinião. O desafio climático hoje é a manifestação da opinião da natureza, uma revolta permanente dela. Então, a academia, para falar só da academia, repensa sua modalidade de pesquisa nessa perspectiva. Do lado dos políticos, a experiência brasileira quando do retorno da democracia até bem recentemente, para mim, é muito pertinente; é muito interessante facilitar, reconhecer essa articulação inteligente entre a representação política, que corresponde ao funcionamento clássico das instituições de todas as democracias do mundo, e a deliberação. A deliberação no Conselho Deliberativo da Reserva, onde se faz política, a partir de outra experiência da política. Na França diferente do Brasil, o trabalho deliberativo não tem legitimidade constitucional. Aqui encontrei um contexto mais favorável a essa experiência. Para mim, fazer pesquisa nas Reservas, e na cidade, onde existem os Conselhos Deliberativos, foi uma ocasião única para perceber essa articulação que pode enriquecer a atividade política. Para os políticos se cria o desafio do reconhecimento. Para a academia o desafio é repensar sua epistemologia em função de exigências novas, ligadas à natureza não só como objeto de pesquisa, mas como ator mesmo. Como fazer? Não sei. Vamos trabalhar e inventar como, retomando Latour, “engendrar o terrestre”.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - É importante trabalhar coletivamente essa proposta.**

**Pierre Teisserenc – Sim.;**

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - No dia 31 de outubro de 2019, no auditório do Núcleo de meio Ambiente/Numa da UFPA, ocorreu o VI Colóquio Franco Brasileiro, uma parceria da UFPA com a Universidade Paris 13. Durante esse evento o tema central foi a questão da gestão e a governança da água. A partir do que foi tratado nesse Colóquio, teria como o senhor falar quais são os desafios sociopolíticos da gestão da água? Como o senhor compreende esses desafios hoje, os da sociopolítica da água?**

**Pierre Teisserenc** – Vou dar continuidade ao argumento que vinha desenvolvendo.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - A questão central, quais são os desafios sociopolíticos da gestão da água? Como que o senhor compreende esse processo?**

**Pierre Teisserenc** – No centro está a questão da justiça social e a maneira de tratá-la. Como construir a resposta aos problemas da justiça social no contexto da ambientalização. A ambientalização é um conceito que passei a utilizar recentemente. Foi uma descoberta! Eu gosto muito dessa palavra, ambientalização (não existe equivalente em francês), que é muito rica em conteúdo. A riqueza do conceito é de precisamente articular os desafios social e ambiental. Como o desafio ambiental se articula à justiça social. Com esse conceito, por exemplo, pensa-se a cidade sob a lógica de um espaço da produção e da reprodução das injustiças e não como espaço político da convivência entre diferentes categorias de populações. Belém é um exemplo da aplicação dessa lógica; nessa cidade é impressionante a presença das injustiças; de uma rua para outra, podemos perceber dois mundos que não se encontram; totalmente dividido e muito próximo.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Segregados...**

**Pierre Teisserenc** – É uma caricatura, uma exacerbação das injustiças, Belém. Outro exemplo bem significativo de desafio sociopolítico é a utilização da água como uma fonte de energia. Sim, *why not?* Viajei semana passada a Cametá, a jusante da barragem de Tucuruí. Lá o rio não tem peixe, a cidade não tem peixe para oferecer à população, os peixes agora vêm de todas as outras regiões do Amazonas.

### **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Menos de lá**

**Pierre Teisserenc** – Imagina?

### **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Sem sentido, não?**

**Pierre Teisserenc** – Que mundo? Que mundo? O rio está morto! Morto! Não é mais um ator... não produz nada, senão energia. É outra caricatura, na cidade de Cametá a população em 20 anos muda totalmente sua comida, seu modo de vida. Não tem peixe; vamos comer carne! A cidade é cheia de açougue, é impressionante. Imagine a mudança para as populações em função dessas exigências! É absurdo! Não sou especialista da produção da energia, mas como é possível pensar a produção da energia sem considerar todos os impactos; não faz sentido. E talvez existam modalidades diferentes, alternativas. Faz parte do desafio da inteligência humana, não essa estupidez impressionante. Podemos continuar a acumular esses exemplos que existem no mundo inteiro. Falei só da Amazônia, no Brasil. Na Europa também tem muitos casos, mas a capacidade da reação das populações lá, geralmente, é mais forte.

### **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Elas estão mais articuladas, né?**

**Pierre Teisserenc** – É. Claro que os poderes públicos, a globalização não pode se manifestar de qualquer maneira, sem considerar um mínimo das exigências sociais e ambientais; depende dos contextos, depende dos territórios, existem territórios bem reativos, outros não.

## **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Professor, de que forma o senhor vê esse processo de ambientalização e territorialização dos povos da Amazônia, por exemplo?**

**Pierre Teisserenc** – Para mim a qualidade desse conceito e sua pertinência no contexto amazônico, deve-se ao fato de integrar a referência do desafio ambiental. A partir das investigações dos saberes da academia e dos saberes nativos. No caso da reserva extrativista, o conselho deliberativo, se apresenta como espaço de encontro entre técnicos, pesquisadores e movimento social, onde se confrontam os conhecimentos técnicos e os conhecimentos nativos das populações para definir novas problemáticas no território. Nesse caso, o segundo desafio é a questão política; o Conselho Deliberativo trata de objetos da vida cotidiana, mas todos eles se tornam objetos políticos. Esse aspecto é essencial. Por isso escrevi três artigos sobre essa questão tratando da politização. A politização como desafio do mundo pós moderno, onde se inventa as modalidades de reconhecer como objeto político os objetos da vida cotidiana. Por exemplo, na França, estudei como a iniciativa cultural de um grupo de classes médias de um vilarejo tornou-se, com a mobilização das populações desse território, um projeto político. Nesse caso a iniciativa cultural se apresentou como um projeto do território, traduzindo a capacidade criadora de uma população envolvendo todos os aspectos de sua vida. A politização do projeto de território trouxe consequências sociais, ambientais e econômicas.

## **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Professor, dentro da perspectiva local-global, qual é o papel da Amazônia?**

**Pierre Teisserenc** – Sim. Mas não tratarei, pois não tenho competência, nesse caso, do potencial do carbono da Amazônia, da floresta da Amazônia na perspectiva do equilíbrio do planeta. É claro, tenho convicção, evidentemente, de que se trata de um desafio imenso, que não é só do Brasil, mas do planeta, em nosso mundo global atual. É claro, também, que cria um problema político quanto a quem compete assumir esse tipo de responsabilidade. Ao governo brasileiro certamente, mas como as consequências são mundiais, todos os seres humanos, os governos devem ser



considerados. Mas não vou entrar nesse debate político complexo, e bem significativo da problemática da ambientalização mundial, não só em nível de território, de cada território, mas do mundo inteiro. Consequentemente atualizações ocorrem para pensar o político e também a questão das nações, a disputa das fronteiras. As fronteiras entre os territórios é uma questão pertinente, em termos da ambientalização pois esta desconhece, ignora, as fronteiras.

## **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Ela não é nacional**

**Pierre Teisserenc** – Não é nacional. A partir dessa situação é que vai-se pensar as relações internacionais. Mas, outra resposta, correspondente a minha competência efetivamente, o desafio local-global é de repensar as divisões entre os territórios. Porque os segmentos da natureza, cada um deles tem seu território, você vai organizar uma gestão do pirarucu, por exemplo, em Mamirauá, no coração da Amazônia. Nessa Reserva foi desenvolvida uma iniciativa de defesa do Pirarucu, que não se limita à questão do pirarucu. O pirarucu é um recurso emblemático da riqueza da Amazônia e o território dessa espécie não é o território de um município. Não se pode pensar em proteger o pirarucu se as exigências territoriais desse animal não forem consideradas. Proteger espécies é proteger ecossistemas; um grande desafio, que não é só da Amazônia, mas a Amazônia, para mim, é desse ponto de vista, muito interessante, porque aparece como um território novo onde há margem ainda para definir fronteiras. Essa liberdade de repensar as fronteiras dos território aqui me parece mais fácil. Na Europa, na França, mais exatamente, são mais de 30 mil municípios. Como pensar ou repensar a relação entre os territórios, vamos dizer humanos - os municípios -, ligados administração política dos homens, e dos territórios em função das novas exigências ambientais? Assim, para mim a Amazônia aparece como o grande laboratório, o grande laboratório da experimentação dessa nova modalidade de gerenciar, de combinar os territórios, as fronteiras deles, em função das exigências ambientais, e não só exclusivamente em função das exigências humanas. Na Amazônia há possibilidade de se inventar maneiras de articular esses territórios. Não sei se é claro.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Professor, gostaríamos de saber seu entendimento sobre o que está acontecendo no Brasil atualmente: a mudança na gestão executiva do governo federal na condução do país, traz reflexos, não somente na área social, sobretudo na área ambiental. Qual a sua opinião sobre o futuro das questões de políticas ambientais ou ambientais no Brasil? Há esperança ou não?**

**Pierre Teisserenc** – É... Gosto muito da maneira de pensar da qual anteriormente falei. Reconheço que a ambientalização, o diálogo entre os conhecimentos, a questão das fronteiras territoriais, contribuem para um pensamento novo, mais adequado precisamente, para interpretar esse contexto político de radicalização do liberalismo, de crescimento do autoritarismo, dos fundamentalismos, de desconsideração da crise climática, presentes no mundo inteiro. Infelizmente o Brasil é um dos países, desse ponto de vista, mais representativos, depois dos Estados Unidos, da Hungria, da Polônia, da Turquia, e outros. O que nos ensina a experiência da ambientalização, sobretudo no Brasil, é a importância da dialética local-territorial e mundial-global, e a dinâmica do desenvolvimento baseada nessa dialética sempre que mobiliza os atores, em função de suas estratégias, de seus pensamentos, de suas atividades, de sua localização.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Fluxo.**

**Pierre Teisserenc** – Fluxo local-global-local. E o mundo, hoje, reage contra essa mobilização, como é o caso no Brasil. O grande desafio ligado à reação da natureza é a crise climática, o que traz as polêmicas sobre as relações da natureza com os humanos; o mundo dos humanos, dominado pelos homens, é uma dinâmica contra a natureza, de dominação da natureza. Dessa perspectiva são as pessoas, são dirigentes como Trump e Bolsonaro, que consideram não haver futuro para esse mundo, então, vamos aproveitar! E vamos mobilizar as pessoas que querem e podem aproveitar imediatamente e ao máximo, sem se preocupar com as próximas gerações. Esquecemos tudo do debate sobre o clima. É terrível. E, por outro lado,

precisamente, há o grande desafio da ambientalização. Como sair desse impasse entre local, territorial, e o global para ir contra essa estratégia da morte? Como integrar, vamos dizer, a ambientalização, porque nela temos de considerar efetivamente todas as experiências ricas, ligadas a esse momento da humanidade; experiências desenvolvidas em função dessa tensão muito pertinente entre o local e o global, para pensar uma contra-proposição à estratégia da morte, da qual são representantes Bolsonaro e Trump e outros dirigentes que compartilham da mesma concepção. Eles são promotores da morte do planeta. Para eles não tem futuro, com eles não há futuro. Bolsonaro passa todo tempo a reivindicar a ditadura, ele quer o passado, não tem visão do futuro, não se importa com isso.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – E é um passado que nos custa muito caro, não tem porquê pagar.**

**Pierre Teisserenc** – Impressionante, é uma caricatura, mas uma caricatura mortal. Uma caricatura que se justifica pela morte, que se apoia na morte. Como se diz em francês, *mortifère*. Não sei se há equivalente em português.

**REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – A Revista Café com Sociologia agradece especialmente a sua participação. Muito obrigado, professor.**

**Pierre Teisserenc** – Obrigado!

*Entrevista realizada em: 31/11/2019  
no programa de Pós-graduação em  
Geografia (PPGEO), da Universidade  
Federal do Pará (UFPA)*

**Recebido em:** 25 dez. 2020.

**Aceito em:** 25 jan. 2021.